

EDWARD J. AMADEO

ESTADO DE SÃO PAULO

01 OUT 1996

*Bonita vida - Edward*

**O Brasil vive um período de efervescência com as mudanças estruturais em curso. Mudanças que representam uma ruptura com 50 anos de regras e costumes que, ao longo do tempo, deram origem ao "modelo desenvolvimentista". A abertura da economia é a pâ de cal deste modelo. Por isto mesmo tem gerado posições antagônicas.**

É curioso que a maioria favorável à abertura se manifesta em alto e bom tom, demonstrando conforto e satisfação. A minoria contrária murmura pelos cantos sua insatisfação. Se uma pesquisa de opinião fosse feita, a abertura seria aprovada. Este sentimento está no ar e naturalmente enche o peito dos que vocalizam a defesa da abertura. Por outro lado, alguns empresários e sindicalistas, respirando este mesmo ar, não parecem tão satisfeitos assim.

Não há nenhuma novidade neste alinhamento de opiniões. Nos seus impactos iniciais, a abertura favorece os consumidores (que somos todos) e desfavorece os produtores ameaçados pela concorrência externa (que são uns poucos).

Mas há uma transição em curso e, não obstante a força das impressões iniciais, não nos devemos poupar de uma discussão mais profunda sobre os efeitos de longo prazo da abertura.



## **Na visão otimista, importação hoje estimula a exportação amanhã**

ra. Por bons motivos e algumas circunstâncias históricas, o modelo desenvolvimentista está morto. Por outro lado, as práticas atuais são apenas o engatinhar e balbuciar das primeiras palavras do "novo modelo".

Este é o primeiro de uma série de três artigos sobre a abertura que será publicada neste espaço. No presente artigo são apresentados os argumentos favoráveis à abertura. No segundo, as restrições à abertura. No terceiro,

argumentamos que o ocaso do velho modelo veio em boa hora, mas que a abertura como estratégia de desenvolvimento deixa a desejar.

O que se entende por abertura econômica? Basicamente redução do nível e dispersão das tarifas, de barreiras não-tarifárias (índices de nacionalização, por exemplo) à importação e de subsídios à exportação. Ademais, a apreciação cambial de 1994 tem o mesmo efeito que a redução das barreiras à importação e dos subsídios à exportação. Por isto, num sentido amplo, a apreciação é parte da abertura.

Os benefícios da abertura podem ser resumidos em uma só frase: o objetivo do comércio internacional é possibilitar a importação de bens e serviços. Não fosse pelas vantagens que trazem as importações, não valeria à pena exportar. Os benefícios da

abertura estão associados aos benefícios da importação. Quais são eles?

Em primeiro lugar, o barateamento dos bens e a diversificação da cesta de bens a que têm acesso os consumidores. Do ponto de vista tecnológico, o Brasil é uma economia sanduíche: um intermediário entre os países desenvolvidos e os países pobres. Por isto, com a abertura, além da diversificação, passa a ter acesso a produtos novos que melhoram a vida dos consumidores.

Em segundo lugar, a abertura aumenta a concorrência gerando incentivos ao aumento da produtividade, à redução de custos e à melhoria na qualidade dos produtos, tudo isto com dois efeitos. Primeiro, reduzir preços e melhorar qualidade dos produtos para os consumidores domésticos. Segundo, favorecer a competitividade das empresas sediadas no País. Havendo aumento da competitividade, as empresas podem exportar mais e o País pode importar mais.

Em terceiro lugar, a abertura promove a integração da economia brasileira à economia internacional. As empresas e trabalhadores brasileiros passam a ter mais contato com novas tecnologias, seja por meio da importação de bens de capital, seja por meio das empresas multinacionais que venham a se implantar no País. Na literatura fala-se dos efeitos de spill-over que significa que as novas tecnologias são aos poucos assimiladas mesmo por empresas que não estejam diretamente atingidas ou envolvidas com a abertura.

As importações de bens de capital

cresceram de 20% da produção nacional para 60% em 1995 (dados preparados pelo BNDES). Espera-se que os investimentos diretos cresçam 200% entre 1995 e 1996, chegando aos US\$ 8 bilhões. O crescimento das importações de bens de capital e o do investimento direto dão acesso a novas tecnologias.

No final das contas, o que se espera é que os efeitos do crescimento da concorrência e da integração internacional aumentem a competitividade das empresas brasileiras, e com isto haja um crescimento das exportações nos próximos anos.

O Brasil é uma economia fechada. A soma das importações e exportações como proporção do PIB em 1990 era de pouco mais de 10%, de lá para cá cresceu para 15% mas ainda é baixo em comparação com outros países. Portanto, há ainda espaço para o crescimento de importações e exportações.

Na visão mais otimista, o Brasil passa agora por um período de transição em que as importações vêm crescendo mais que as exportações justamente para permitir que no futuro as exportações passem a acompanhar o crescimento das importações. O crescimento das importações hoje é a alavancinha das exportações de amanhã. O objetivo não é recuperar os superávits comerciais anteriores ao Real, mas operar com níveis de importação e exportação muito mais elevados que os atuais.

■ Edward J. Amadeo é professor do Departamento de Economia da PUC-RJ